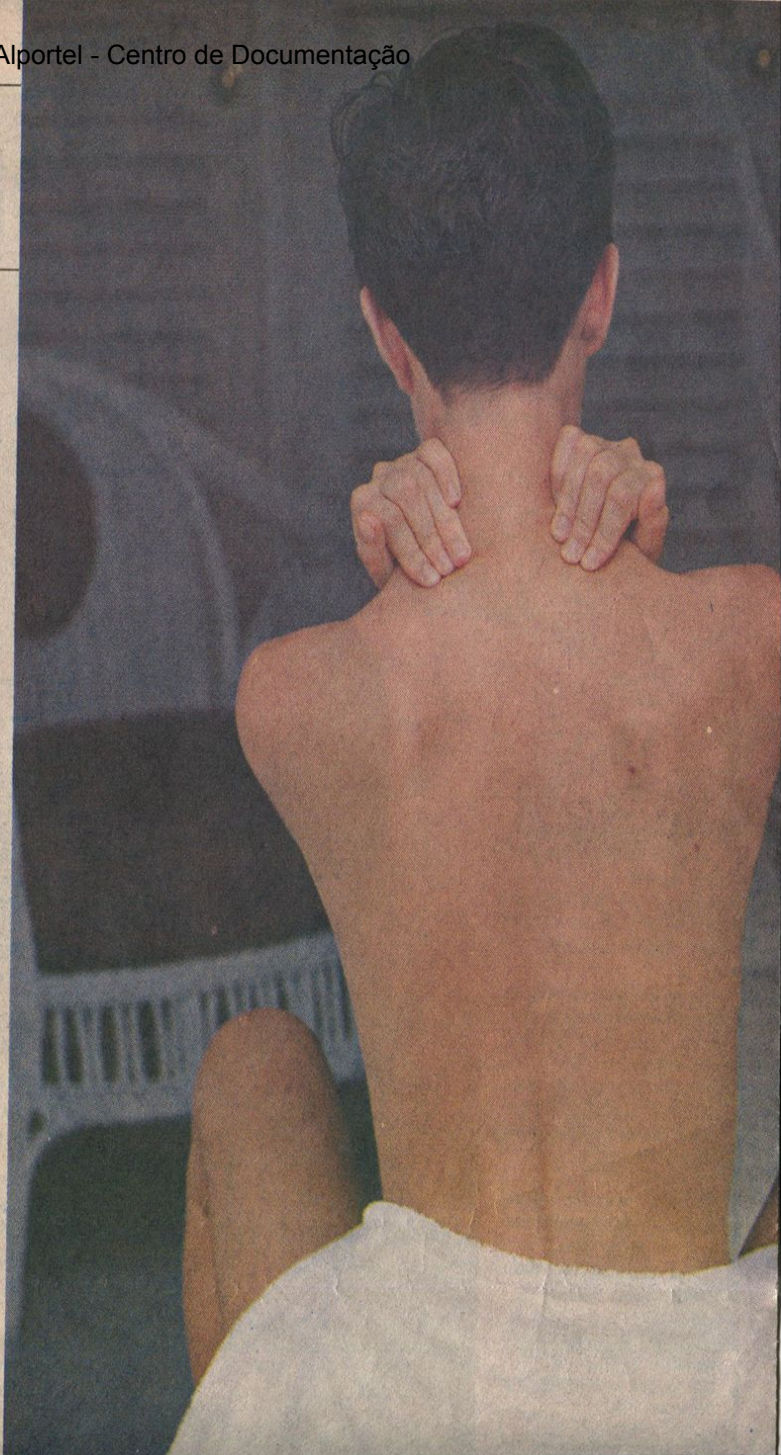
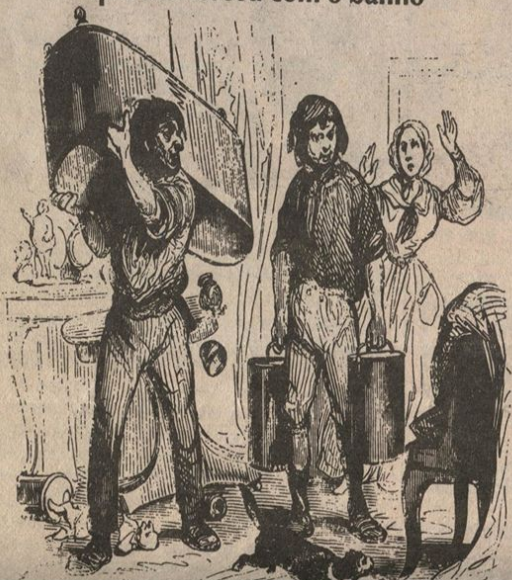


REPORTAGEM

Nem sempre as normas de higiene determinaram o que para nós hoje são regras aceites, portanto, usos correntes. Tempo houve em que se chegou a pensar que os mais elementares princípios de limpeza corporal pudessem pôr em risco a vida humana. Foi o que aconteceu com o banho



Quem tem medo dos banhos?

Maria Teresa Horta

GORGES Vigarello, no seu livro *O Limpo e o Sujo* (Editorial Fragmentos), lembra os tempos atingidos pela peste, quando os «conselhos» proibiam, qualquer prática de expor os corpos ao ar infectado, como o trabalho violento que aquece os membros, o calor que «relaxa» a pele, e também... o banho: o líquido, por efeito da pressão e sobretudo do calor, pode efectivamente abrir os poros e focalizar os perigos (...). A água seria susceptível,

pois, de se infiltrar na pele. E é, aliás, este raciocínio que irá acabar por levar à proibição na Europa dos chamados banhos públicos, com o fim de restringir os contactos, logo as possíveis transmissões da doença. Não estando igualmente fora de questão certas posições moralistas que há muito (desde o século XV) vinha a querer a todo o custo impedir aquilo que era considerado como a indecente exposição do corpo nu.

Havia, então, que lançar o pânico:

Por favor, fuja das estufas e dos banhos ou poderão morrer! — era esta a palavra de

ordem, o grito a passar de boca em boca. Estava-se em 1510. Mas já em 1450 se exigira em vão que em Paris se encerrassem as estufas; toda esta histeria apenas conseguiu o ódio dos encarregados daqueles estabelecimentos.

Só durante o século XVI o encerramento se haveria de tornar oficial, quando o decreto do preboste de Paris proibiu terminantemente a entrada nos banhos públicos e que as estufas sejam aquecidas antes do próximo Natal, sob pena de multa arbitrária².

A partir dessa altura outras cidades tomaram decisões idênticas, todas elas tendendo

a pôr fim aos chamados banhos comunitários.

Pergunta-se:

Que medos estariam subjacentes a esta proibição?

Não por certo apenas o da morte.

Também o da sexualidade — que foi, e continua a ser, um dos maiores medos de sempre.

Mas, como lembra Georges Vigarello, havia ainda o medo da fraqueza do invólucro corporal. — Tratava-se de denunciar o porosidade de pele. Como se pudessem surgir inúmeras aberturas, por a superfície se encontrar enfraquecida e as fronteiras esbatidas.

A água, hipoteticamente, abriria pequenas fissuras, por onde a doença, o mal, apenas teria de se introduzir, destruindo.

Matando.

*É preciso proibir as estufas e os banhos, depois do banho, a carne e o hábito do corpo amolecem e os poros abrem-se e, portanto, o vapor empestado pode entrar prontamente no corpo e provocar a morte súbita, o que já se observou várias vezes*³.

Medo, sem dúvida, igualmente, da pestilência...

Estufas e banhos públicos serão, portanto, abandonados, porque depois os poros e pe-

*quenos respiradores do couro, por efeito do calor, abrem-se mais facilmente, e o ar pestilento insinua-se*⁴.

Como se pode ver, a história do banho não foi mesmo nada fácil. Tendo até um caminho longo e repleto de percalços. Juntamente com a água, que não poucas vezes a consideraram autenticamente maligna.

Transmissora do mal.

Banhos públicos

Mas, afinal, o que eram os banhos públicos de estufa? E qual a sua importância antes de serem proibidos?

Foram espécie de balneá-



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel
Biblioteca
Livro n.º 333 Cota n.º 10-2



rios, lugares que começaram por estar abertos todos os dias, salvo aos domingos. Custavam entre quatro a dois dinheiros, conforme fossem individuais ou de duas pessoas. O banho quente era mais caro que o banho a vapor e o preço da toalha estava incluído à parte.

Tal como hoje os banhos turcos, os banhos de estufa eram vistos, para além de uma possível medida de higiene, como meio de relaxe.

De repouso.

Isto para não falar do convívio com os amigos que os banhos ocasionavam. Sabe-se ainda que neles se bebia com abundância, se comia e, até, constava... se libertinava. A verdade é que em 1466 Jehannott Saignant, dona de balneários, foi condenada à morte por afogamento, acusada de prática de prostituição naqueles locais. Começou-se então a ligar os banhos públicos ao escândalo, à promiscuidade, à libertinagem. Faltando apenas um pretexto para se lhes pôr

um pretexto para se lhes pôr fim. E esse pretexto chegou, dizem alguns investigadores, com os barcos das descobertas, que regressavam das Américas e das Índias trazendo consigo, também, a sífilis, até à altura desconhecida na Europa. Será ela e a peste que assinarão a sentença de morte do banhos comunitários.

Não esquecer, porém, que o fim do banho traz consigo sobretudo o fim do uso da água! — Dos tempos (século XIII) do pregoeiro que percorria as ruas a gritar o elogio do calor das estufas, nada restou!

Lavar só se lavam as roupas. E deste modo — acreditava-se na época — o corpo manter-se-ia limpo. A solução estava, pois, encontrada: mudar muitas vezes de roupa interior. Trazendo isto a vantagem de não se correr o risco da utilização da água directamente no corpo.

Digamos que o uso da água praticamente apenas era admitido ao levantar, para se lavar as mãos e a boca; e nunca água pura, sempre misturada com vinagre, muito vinagre.

Havia ainda a hora das refeições, quando se lavavam as pontas dos dedos... sobretudo em vinagre!

E os recém-nascidos?

Esses eram limpos com manteiga derretida ou, na melhor das hipóteses, com óleo de amêndoa.

Odores e perfumes

Provocado por esta situação surge o problema do mau cheiro e com ele a necessidade do perfume e do pó que camuflavam, ocultavam aquilo que a falta de limpeza ocasionava.

Como diz Vigarello: *O pó, em última instância, decorre de outro objectivo: o perfume.*

Perfume e pó que as damas usaram em excesso...

Elas gastam tudo em cabeleiras postiças, cobertas de pó de Chipre para disfarçar os maus cheiros.

Mas nem sempre esses maus cheiros eram obrigatoriamente considerados como uma vergonha, uma falta de limpeza. O rei Carlos IX gabava-se mesmo: *Saio ao meu pai, cheiro a suor.*

Por seu lado, a duquesa de Montensier conta nos seus livros que os lacaios da rainha chegavam a sufocar quando abriam os armários dos fatos reais, tal era nauseabunda a mistura do suor com os perfumes que deles emanava.

Mas o perfume — dizia-se no século XVII — tinha outras propriedades: *O perfume conforta, o seu uso reforça o corpo e refaz maravilhosamente o cérebro. Restabelece o ar alterado e perigoso.*

Como garante Georges Vigarello:

(...) Os odores penetrantes e resistentes, encarregados de preservar a boca em tempo de peste, são insensivelmente preteridos em benefício dos perfumes suaves e odoríferos. Os ácidos são substituídos pelo benjoim, o estoraque, a mirra, o almíscar, o pau-roma, sob a forma de pastilhas para a época.

Mais adiante:



Na arte do disfarce e da aparência, o perfume desempenha, portanto, um papel complexo. Não se limita à dissimulação ou ao prazer. Também é, muito concretamente, «purificação». É mesmo a aparência que assume a força da necessidade.

Em seguida, sublinha: *Nenhum uso de água (...) apenas impregnação de odores (...). Por outras palavras, o perfume apaga, dissimula...*

Quer dizer, substituindo a água, o perfume aparenta limpar ao encobrir os cheiros...

Por isso, sobretudo as mulheres, usavam pequenos sacos de odores perfumados sob os sovacos ou nas ancas, pregados no forro dos fatos!

A situação irá manter-se até meio do século XVIII: perfumes e mais perfumes para se tentar enganar os cheiros dos corpos não lavados.

Eles eram de três qualidades diferentes:

— O «perfume real», o «perfume dos burgueses» e o «perfume dos pobres».

As pessoas estavam de tal forma convictas das suas virtudes que os chegavam a ferver em banho-maria. Deste modo imaginavam protegerem-se das doenças: limpando o ar como limpavam a pele!

Serão as mulheres quem primeiro voltam a recorrer à água como medida de higiene.

Mas quando?

O retorno aos banhos

Só por volta de 1710 e por instância feminina se começa a quebrar as interdições no que

diz respeito aos banhos. Em Versalhês são instaladas canalizações, constroem-se as primeiras casas de banho.

Consta que a rainha de França aderiu com entusiasmo às novas ideias sobre higiene, passando a tomar banho todos os dias e obrigando a essa prática todas as suas damas.

No entanto, a adesão ao banho estava longe de ser geral. Considerada uma prática luxuosa e de elite, o banho só era utilizado por muito poucos: o comum dos mortais ficava de fora deste aconteci-

mento. Não tendo acesso à compra da banheira (demasiado cara) limitava-se ele a compra da banheira (demasiado cara), limitava-se ele a «mergulhar» em grandes alguidares e enormes celhas, o que, convenhamos, era bastante menos aliciante.

Deste modo os banhos passaram a acontecer, mas somente em cada principal ciclo da vida: nascimento, casamento e morte. Por vezes ainda no início de cada estação: no princípio da Primavera, do Verão e do Inverno.

Pouco a pouco, porém, vai-se reencontrando as virtudes da água. *Sobretudo se for fria.* — Jean-Jacques Rousseau exorta o seu personagem Emil aos banhos gelados, pois tornaria o corpo mais robusto!

E cai-se no extremo oposto. — A banheira passa a ser vista como sinal de riqueza, marca de classe social. E todo o burguês (1850) que não tivesse banheira em casa ficava mal visto.

No entanto, as mulheres continuaram a ter que utilizar o banho no maior dos recatos, se possível tendo vestida uma larga camisa que não lhe deixasse ver o próprio corpo! — Isto acontecia, por exemplo, nos internatos religiosos, indo estes costumes até ao início do século XX.

De seguida virá o duche... Mas isso é já um outro lado desta história.



1 G. Bunuel.

2 N. de Delamare.

3 A. Paré.

4 N. Houel, *Tratado da Peste*.